

Sumário: O autor trata da missão da Igreja na Gaudium et Spes a partir do mistério da encarnação, razão da solidariedade da Igreja com o mundo. Nesse contexto, a missão é entendida “como ferramenta no processo da salvação”. Aqui, a relação da Igreja com o mundo e a história da humanidade deve pôr um fim definitivo ao dualismo Igreja-mundo. A relação é pautada no diálogo, nas tentativas de inculturação, nas atitudes de solidariedade e de libertação. É desse modo que a Igreja torna-se “sacramento de união com o mundo”, “sacramento universal de salvação”.

Abstract: The mission of the Church received close attention in the pages of Gaudium et Spes as it explores from the theological point of view the doctrine of incarnation, the basic principle of the Church's solidarity with the world. The concept of the word “mission” gains a new understanding as it endeavors to highlight it as a “tool used in the process of salvation”. As a result, the relation of the Church to the Modern World advances in thought when it relinquishes the dualism of Church and world. The relation is caged in a sincere dialogue with all believers in an attempt at acculturation and interacting with responsible action in solidarity and liberation. It is hoped that the Church will have a fruitful impact throughout the world as the sacrament of salvation of humankind.

A Missão na Gaudium et Spes

Remo Mariani*

* O Autor é Mestre em Missiologia pela Gregoriana, professor do Ecotecal em Joinville, e coordenador do COMIRE no Regional Sul IV da CNBB.



Introdução

A constituição conciliar *Ad Gentes* declarou a Igreja missionária por sua natureza, mas é na *Gaudium et Spes* que os padres conciliares explicitam como fazer missão no mundo moderno. Superando o eclesiocentrismo, a Igreja se abre ao diálogo com o mundo, para dentro dele se tornar fermento do Reino de Deus. O diálogo com a sociedade pluralista do mundo moderno, sobretudo na pastoral urbana, exige respeito e amor aos homens que nela vivem. A GS recomenda a atualização da análise de conjuntura da sociedade. É importante ver o que ainda é válido da GS depois de quarenta anos do Concílio Vaticano II e as conseqüências pastorais para a evangelização na globalização.

1. A missão na *Gaudium et Spes*

Os últimos dois documentos do Concílio Vaticano II, o decreto missionário *Ad Gentes* e a Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, aprovados e publicados na véspera do encerramento do Concílio, em 07 de dezembro de 1965, se completam um ao outro: *Ad Gentes* conclama a Igreja, como Povo de Deus, a uma evangelização universal, como conseqüência da natureza missionária da própria Igreja, enquanto que a *Gaudium et Spes* dá o toque de inserção da Missão eclesial nas situações concretas da sociedade humana. Desde o início do documento aparece a urgência da evangelização universal. A partir do *mistério da Encarnação*, a Igreja sente-se solidária com toda a humanidade: "A comunidade cristã é formada por homens e mulheres que, unidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo em seu peregrinar rumo ao Reino do Pai e receberam a Boa-Nova da salvação para comunicá-la a todos. A Igreja sente-se, por isso, íntima e realmente solidária com o gênero humano e com a sua história (GS 1). É por isso que a missão deve ser entendida como uma ferramenta no processo da salvação. Todos os homens e as mulheres participam da mesma história da salvação. Não existe mais a Igreja e o mundo, o que temos na verdade é a Igreja no mundo.

2. Fim do dualismo Igreja/mundo

Dado que a Igreja está no mundo e na história, a relação dessa mesma Igreja com o mundo será sempre ponto crucial de debate em todos os âmbitos da evangelização.



A reflexão cristã sobre o mundo adotou muitas formas. A Igreja sempre considerou heterodoxo qualquer dualismo ontológico ou material que afirmasse que a matéria, a carne ou o mundo seriam maus. Mas as idéias platônicas contribuíram de forma influenciadora e necessária no processo de transcender o mundo na ascensão para Deus. Depois do edito de Constantino, o mundo foi-se mostrando cada vez mais amistoso com respeito à Igreja. Muitos membros da Igreja – eclesiásticos e religiosos – acabaram implicando-se excessivamente em assuntos seculares em detrimento do compromisso cristão. Todas as tentativas de reforma, de um modo ou do outro, estavam referidas à relação da Igreja com o mundo. Na verdade, buscava-se uma maior compreensão dessa realidade e por isso as reformas.

A tensão entre a Igreja e o mundo continuou durante toda a Idade Média. A Igreja sofreu a tendência de encastelar-se ante a hostilidade, e não conseguiu dialogar com o mundo moderno emergente. Criou-se certo mal-estar diante da ciência, como no caso de Galileu Galilei. O liberalismo do século XIX foi visto como um novo ataque à Igreja. Assim foi também perante o modernismo. A Igreja foi cada vez mais se distanciando do mundo.

Uma nova impostação emerge no Concílio Vaticano II, exatamente na Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, que se abre ao diálogo. Este diálogo está vinculado à necessidade da superação do dualismo Igreja/mundo em vista da missão.

3. Diálogo com o mundo: alegria de Paulo VI

O papa Paulo VI, no Natal de 1965, comentou a *Gaudium et Spes*: "O encontro da Igreja com o mundo atual foi descrito em páginas admiráveis na última constituição do Concílio. Toda pessoa inteligente, toda alma honrada, deve conhecer essas páginas. Elas levam, sim, de novo a Igreja ao meio da vida contemporânea, mas não para dominar a sociedade, nem para dificultar o autônomo e honesto desenvolvimento de sua atividade, mas para iluminá-la, sustentá-la e consolá-la. Estas páginas, assim pensamos, assinalam o ponto de encontro entre Cristo e o homem moderno" (*L'Osservatore Romano*). "A Igreja do Vaticano II, deixando de lado a idéia de sociedade perfeita, acima do mundo, se coloca no mundo para servi-lo." Nenhuma ambição terrestre move a Igreja. Com efeito, guiada pelo Espírito Santo, ela pretende somente uma coisa: continuar a missão do próprio Cristo que veio ao mundo para dar testemunho da



verdade, para salvar e não para condenar, para servir e não para ser servido “(GS 1).

Para entender melhor a missão da Igreja dentro do mundo é importante refazer a história desta relação antes do Vaticano II. Não havia o pensamento de colocar a Igreja em contato com o mundo. O mundo estava de um lado, e a Igreja de outro. Agora, a proposta era colocar a Igreja junto com o mundo, para percorrer o caminho da salvação em sincero diálogo.

4. Encontro da Igreja com o mundo, base da missão

A Igreja “lá no alto dos céus” é puxada para a terra, com cordas, pelo povo das CEBs do Maranhão, durante o XI intereclesial em Ipatinga, Minas Gerais (julho de 2005). Esta é a imagem daquilo que aconteceu no Concílio Vaticano II, sobretudo na Constituição pastoral *Gaudium et Spes*. A Igreja, que nos últimos quatro séculos viveu a separação com a sociedade civil, colocou-se de novo no mundo. “*As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo*” (GS 1).

Se a Igreja, que por sua natureza é missionária, não estiver dentro do mundo, então não pode realizar esta missão. “Este mundo, teatro da história do gênero humano, é o campo da missão da Igreja” (GS 2). “Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhe ressoe no coração”. Por isso a Igreja, nesta constituição pastoral, envia uma mensagem a todos os povos.

A *Gaudium et Spes*, desde a sua formulação, deixa claro que a mensagem de salvação é para todos, ou seja, sua missão é universal. “A mensagem da salvação deve ser proposta a todos” (GS 1). A missão é uma realidade rica, dinâmica e em constante inovação. A Igreja toma a realidade de cada povo como sua realidade, tornando-se cada vez mais missionária. E a missão acontece em diálogo com o mundo e a sua realidade temporal.

5. Diálogo entre Igreja e mundo

Na GS, a Igreja toma a iniciativa de acabar com sua divergência com a sociedade, mas em verdade foram as mudanças da sociedade que



levaram a Igreja a sair do eclesiocentrismo. É bom lembrar que já o papa Pio XII, perante os horrores da segunda guerra mundial, tinha o projeto de um concílio, projeto retomado com coragem pelo seu sucessor João XXIII. Este, preocupado com os problemas da época, decidiu convocar os bispos do mundo para este encontro. Podemos pensar que o Espírito Santo se serviu da humanidade de João XXIII para a Igreja sair do seu castelo e descer para o diálogo.

“A Igreja, em sinal de solidariedade com toda a família humana, quer estabelecer com ela um diálogo sobre os problemas que a afligem, iluminando-os à luz do Evangelho. A pessoa humana é que deve ser salva, e a sociedade renovada” (GS 2). A Igreja deixa explícito seu desejo de dialogar com todos e se volta para os destinatários universais. Dirige a palavra não somente aos batizados, aos que invocam o nome de Cristo, mas a todos os homens, a “toda a família humana” (GS 3), “crentes e não crentes” (GS 21), “àqueles que se opõem à Igreja” (GS 92), “os adversários (GS 28)”, “o mundo e os homens de todas as opiniões” (GS 43). Podemos dizer que a *Gaudium et Spes* desencadeou um diálogo permanente com a humanidade. Para dialogar com o mundo, a Igreja busca assumir atitudes e posturas otimistas de superação da concepção de “sociedade perfeita”, em direção a uma Igreja-comunidade, inserida no mundo, a serviço do Reino. A *Gaudium et Spes* entende que a melhor forma de apresentar o Cristo ao mundo pluralista é o diálogo. Este está na base de qualquer relacionamento, inclusive entre Igreja e mundo.

Para facilitar o diálogo com o mundo, a Igreja começa com uma palavra de solidariedade, de humildade, com espírito de serviço ao mundo. “*As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração*” (GS I). Nos esquemas anteriores o documento começava com a terceira e quarta palavra: “as tristezas e as angústias”.

Nos padres conciliares prevaleceu a visão otimista sobre o mundo, otimismo que é essencial para o diálogo entre duas pessoas. Os padres conciliares não fecham os olhos sobre os pecados das pessoas e da sociedade, mas têm a certeza de que eles são resgatados pela Encarnação e o mistério pascal (GS 2).

A vocação de toda a Igreja é irradiar alegria e esperança – *gaudium et spes* – na sociedade em que vivemos. A GS cita três vezes o serviço de



solidariedade com o mundo como tarefa específica dos leigos, engajados nas diferentes profissões sociais (GS 31). A Igreja não pretende ser uma estrutura acima da vida real. Não se trata de entrar em competição ou até de hostilizar a cidade terrena, mas de contribuir para a sua construção, sendo animados pela fé em Jesus Cristo. Na concepção cristã da sociedade, existe, sem dúvida, uma força de humanização que não se encontra em outros lugares, e que todos podem apreciar como coisa boa.

Só é possível oferecer essa contribuição vivendo em solidariedade e simpatia com a cidade dos homens. Não se pode pretender "humanizar" a sociedade recriminando a cultura das pessoas que nela vivem. Na GS aparecem os sinais de autoconsciência e de abertura da Igreja para adoção de paradigmas pastorais fundados no diálogo, na cooperação, no aprendizado mútuo e na troca de experiências com o mundo. Então, a missão é diálogo e anúncio.

5.1. Missão é Diálogo

O diálogo é parte integrante da evangelização. Todos os outros documentos do concílio Vaticano II são para dentro da Igreja, enquanto a *Gaudium et Spes* é para toda a humanidade, com quem a Igreja quer desencadear um diálogo permanente. Pela primeira vez uma Constituição conciliar se dirige a todos, crentes ou não crentes, apresentando Cristo como a chave para a solução dos problemas humanos (GS 3b). Na *Gaudium et Spes* aparecem sinais de auto-consciência de abertura, na Igreja, para adoção de paradigmas pastorais fundados no diálogo, na cooperação, no aprendizado mútuo e na troca de experiências.

De fato, no diálogo, há a necessidade de os dois interlocutores darem e receberem, ou seja, é uma troca, é uma via de mão dupla. Não pode pretender humanizar a sociedade negando ou recriminando as pessoas que nela vivem, assim como elas são. A partir do mistério da Encarnação, a Igreja se sente solidária com toda a humanidade na dinâmica do dar e receber. "A comunidade cristã é formada por homens e mulheres, que reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo em sua peregrinação rumo ao Reino do Pai e receberam a Boa Nova da Salvação para comunicá-la a todos. A Igreja, por isso, sente-se íntima e realmente solidária com o gênero humano e com sua história" (GS 1).



5.2. Diálogo inter-religioso

Não era compromisso direto do Concílio falar do diálogo inter-religioso, mas a descoberta do anti-semitismo, presente no ensino católico, obrigou a refletir sobre o diálogo com os Judeus. Para não criar polêmica, passaram a refletir também sobre a outra religião monoteísta, o Islamismo. Daí, o passo foi abrir o diálogo com todas as religiões. A *Gaudium et Spes* reconhece que todas as religiões não cristãs têm “sementes do Verbo” – *semina Verbi* – que representam a riqueza dos povos, e podem salvar os seus fiéis, religiões que o Evangelho completa, purifica e enaltece.

Entretanto, a *Evangelii Nuntiandi* n.53 diz: “Nem o respeito nem a estima para com as religiões não cristãs impedem a Igreja de anunciar o Cristo”. A unicidade de Cristo não é exclusiva, mas inclusiva de tudo o que é bom nas religiões. O assunto ainda é polêmico, mas a chave de solução é vista pelos teólogos no aprofundamento do termo “salvação”. E este termo deve ser entendido na visão do anúncio.

5.3. Anúncio

Durante a Idade Média não existia o problema “missão”, porque todo o mundo conhecido já era cristão. Falava-se de conversão, de apostolado, de pregação. Com a descoberta da América, apareceu a problemática do primeiro anúncio a povos que ainda não tinham sido atingidos pelo anúncio do Evangelho. Apareceu o termo *missiones*, “missões” no plural, e é opinião comum que foram os Jesuítas os primeiros a usá-lo. De fato, seu quarto voto, sobre as *missiones*, segundo o fundador, Santo Inácio de Loyola, era entendido como disponibilidade apostólica “ad gentes”. O termo se difundiu, com o compromisso *ad gentes* indicando uma missão em *sentido* territorial, que tantas vezes foi identificado como *expansão* territorial. O Concílio Vaticano II escolheu o termo “missão” para dizer que esta é a tarefa de toda a Igreja.

O ser humano, com a sua prepotência, acreditou não precisar partilhar do sonho da *Gaudium et Spes*. As grandes potências econômicas o ignoraram.

Entretanto, o compromisso na política e na economia não é de um momento, mas é constante. Missão da Igreja é ser fermento na realidade dos homens e mulheres de cada época histórica, para a construção do reino de Deus.



A *Lúmen Gentium* dá os princípios da missão da Igreja, mas é a *Gaudium et Spes* que diz como realizar esta missão no mundo.

5.4. Inculturação

O termo inculturação ainda não existia no tempo do Vaticano II, mas a idéia de atualizar os métodos, a linguagem e os ritos não essenciais da Boa Nova, já estão presentes na *Gaudium et Spes*. No n. 04, o Concílio recomenda harmonizar os valores perenes do Evangelho com as descobertas recentes. A própria mensagem do documento precisa ser adaptada, sob a orientação dos pastores, "para cada povo e mentalidade" (GS 91.) Os padres conciliares repetem a sábia palavra de Santo Agostinho, retomada por João XXIII " Nas coisas necessárias reine a unidade, nas duvidosas a liberdade, em tudo a caridade".(Enc. *Ad Petri Cathedram*,1959)

5.5. Libertação

Esta tomada de consciência do Concílio, de modo particular com a *Gaudium et Spes*, fez a Igreja sair dos últimos quatro séculos de visão privatizada da salvação – "salva tua alma" – e de uma visão limitada de eclesiologia e teologia. Na GS há uma salvação, uma finalidade escatológica, para toda a família humana (GS 45). Assessorar e conduzir a família humana para esta finalidade é missão específica da Igreja. Tarefa esta que não é exclusiva da Igreja, pois "o Espírito sopra onde quer" (Jo 3,8), mas é essencial para ela continuar a missão de Cristo. Não existem duas histórias, a da salvação e a da humanidade, o que seria um dualismo religioso. Na realidade, o que temos é a História da Salvação, que por sua vez é um caminho lento e sofrido que a família humana deve percorrer para que possa tornar-se família de Deus (GS 40). Sendo assim, só dentro da História da Salvação é que a família humana pode alcançar sua plenitude.

6. Igreja, sacramento de união com o mundo

A Igreja, deixando de lado a idéia de cristandade medieval, quer evitar o integrismo, o clericalismo e o fundamentalismo, que não permitem o diálogo com a sociedade e com a história. De fato, "não se pode encerrar a fé e a religião na subjetividade dos sentimentos, o que as



excluiria de toda relevância objetiva e, portanto, da sua missão no mundo.” Em virtude de sua missão, que é a de iluminar o mundo inteiro com a mensagem evangélica, e reunir em um único Espírito todos os homens e mulheres de todas as nações, raças e culturas, “a Igreja torna-se o sinal daquela fraternidade que permite e consolida um dialogo sincero” (LG 2).

A Igreja ajuda o mundo no esforço da unidade. A promoção da unidade se harmoniza com a missão íntima da Igreja, porquanto “ela é, em Cristo, como que um sacramento ou sinal e instrumento da união profunda com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG1). O Espírito Santo é o protagonista da missão, e nós somos convidados a contemplar a sua obra na consciência e nas instituições. A propósito, significativos são os fatos que estão acontecendo no Estados Unidos. A primeira potencia mundial, que com a ideologia capitalista não quis assinar o tratado de Kyoto em favor da ecologia e explora o mundo, agora precisa da solidariedade dos outros países pobres. Assim foi no dia 11 de setembro, com a derrubada das Torres Gêmeas, e assim pelos furações Katrina e Rita deste ano. O Espírito está ensinando que estamos todos no mesmo barco, e todos precisamos viver a solidariedade.

A Igreja é a ponte de ligação entre Deus e a humanidade. A humanidade está a caminho da salvação, porém é a Igreja que deve mostrar o caminho e esta é sua missão essencial.

7. Igreja, sacramento universal de salvação

A constituição *Gaudium et Spes* e o decreto *Ad Gentes*, na longa e sofrida preparação, receberam a riqueza dos documentos anteriores e precisam ser vistos no contexto de todos os documentos conciliares, especialmente levando-se em conta as três constituições dogmáticas: *Lumen Gentium*, *Dei Verbum*, *Sacrosantum Concilium*. “A idéia principal que pode harmonizar todos estes documentos e a de “Igreja sacramento”, que, na sua dimensão missionária “*ad gentes*”, completa-se na expressão “Igreja, sacramento universal de salvação” (LG 48; AG1). Deste modo, a Igreja conciliar pode se apresentar como “sinal levantado perante as nações” (SC 2),” que manifesta e, ao mesmo tempo, realiza o mistério do amor de Deus ao ser humano” (GS 45). Como consequência pastoral destes documentos missionários, em cada vocação e em cada serviço eclesial deve aparecer a Igreja como sinal transparente e portador de Cristo (LG), que anuncia a Palavra (DV), que celebra o Mistério Pascal



(SC), que é solidária com toda a humanidade GS), que comunica a todos a salvação em Cristo, chamando-os a participar da própria realidade da Igreja” (AG). É Cristo que vem para redimir a família humana.

8. Cristo, Redentor do homem todo e de todos os homens

A visão otimista da *Gaudium et Spes* tem o seu fundamento na antropologia cristã: “Proclamando a vocação altíssima do homem e afirmando existir nele uma semente divina, o Sacrossanto Concílio oferece ao gênero humano a colaboração sincera da Igreja para o estabelecimento de uma fraternidade universal” (GS1).

Cristo, *Redentor do Homem*, foi o coração do pensamento do Papa João Paulo II e o centro da sua visão missionária. Esta perspectiva tem o seu fundamento na tradição, mas depende mais diretamente da *Gaudium et Spes*: “Na realidade, o mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo Encarnado” (GS 22). Esta citação é lembrada várias vezes, sempre na visão cristológica da *Lumen Gentium* 3, e Ad Gentes 3. Continuando um tema muito comum na patrística grega, o Vaticano II ensina: “Com a sua encarnação, o Filho de Deus uniu-se, de algum modo, a cada ser humano e, por isso, toda a humanidade foi elevada a uma sublime dignidade” (GS 22).

Esta idéia ficará mais explícita na *Redemptor Hominis*, 10. “O homem que quer compreender a si mesmo tem que se aproximar do Cristo”. Só no mistério do Verbo Encarnado é que se encontra a verdadeira luz e nele o mistério do homem se ilumina.

Esta ligação entre cristologia e antropologia é o coração da missão: iluminada pela abertura universal da redenção de Cristo, a Igreja deve admitir que “o Espírito Santo oferece a todos a possibilidade de se associarem, de um modo conhecido só por Deus, a este Mistério Pascal” (GS 22). Por isso, Paulo VI na ONU apresentou a Igreja como “perita em humanidade”. A evangelização é um serviço perene que a igreja oferece a todos os seres humanos.

9. Das Missões para a Missão

Esta visão supera o critério geográfico da missão e se abre para frentes missionárias, os novos areópagos da missão, encontrados na



Redemptoris Missio. Estes areópagos estão no ateísmo, na ciência, no relativismo, na política, na economia, e alhures. Já para o contexto da América Latina poderíamos apresentá-los como o mundo da cidade, os jovens, as migrações, a mídia, a ciência, a paz, os direitos humanos, o meio ambiente, o diálogo inter-religioso. Nestes novos areópagos, o diálogo e o anúncio assumem formas novas que ainda estão para serem descobertas.

Para que a missão seja de verdade realizada nestes novos areópagos, os leigos têm como tarefa fundamental o anúncio do Reino, pois eles são especialistas profissionais, bem como testemunhas da Palavra, tornando-a viva no contexto sócio-político onde vivem e trabalham.

A missão tem como fonte a Trindade, a revelação cristológica, e o compromisso eclesial. A *única* missão se realiza de maneiras deferentes nas situações históricas e culturais. Na verdade, a missão é uma realidade rica, complexa e dinâmica (EN 17).

A Igreja é peregrina dentro da história da humanidade a caminho do Reino. A Igreja está aberta a Cristo na fé e na esperança, carregando consigo toda a realidade humana. Esta é sua missão: quanto mais vive o mistério da comunhão e fidelidade ao Cristo, mais se torna significativa para o mundo. A Igreja é sacramento universal da salvação. A GS introduz a história e a vida social na compreensão da fé. "De fato, a história humana é iluminada pela História da Salvação por meio das "sementes do Verbo", *semina verbi*, que a Igreja sabe descobrir dentro da humanidade". Movido pela fé, e conduzido pelo Espírito do Senhor que enche o orbe da terra, o Povo de Deus esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e nas aspirações de nossos tempos, dos quais participa com os outros homens, quais sejam os sinais verdadeiros da presença ou dos desígnios de Deus." Assim a Igreja no seu tempo vai percebendo a encarnação de Cristo na humanidade e na história.

Com isso, podemos observar que a missão pela primeira vez usa o método Ver, Julgar e Agir. A Igreja, toda missionária, vai aonde o povo está.

10. Compromissos missionários

O fruto desta realidade é a paz, onde todos podem ajudar-se reciprocamente na caridade. Com Cristo, pleno e perfeito, veio para servir e não para ser servido, nenhum homem pode alcançar a própria realização



plena senão com o dom de si aos outros (GS 24). Assim, o compromisso social no mundo se torna o serviço e responsabilidade moral de cada cristão e de cada homem de boa vontade. (GS 37)

Com base nisso, a missão principal da Igreja não é construir edifícios e nem batizar, mas sim, evangelizar, ou seja, formar em cada pessoa e na sociedade consciências conforme os valores evangélicos. Nesse sentido, é significativa a afirmação de Paulo: “*Eu não vim para batizar, mas sim para evangelizar*” (1Cor 1,17).

A *Lumen Gentium* traz como ponto de partida a visão de “cima para baixo”, ou seja, de Deus para o homem. Já na *Gaudium et Spes*, a visão é o contrário, ou seja, do homem para Deus. Parte da pessoa humana com suas situações concretas, tais como família, trabalho, economia, política, paz e solidariedade universal, para chegar a Deus.

Nesta perspectiva pode-se observar que este documento é profético, pois ele analisa o homem e a sociedade na sua visão de redenção e salvação tendo como ponto de partida a realidade humana. Pois esta realidade é redimida e salva por Cristo. Para tornar esta reflexão ainda mais missionária, a *Gaudium et Spes* procura valorizar toda a riqueza humana para encontrar dentro dela a grandeza do homem como filho de Deus, e da humanidade como família de Deus. Sendo assim, ela vem explicitar o projeto de fraternidade e solidariedade universal. O sonho desta Constituição Pastoral é que, por meio das experiências humanas, que são de todos os povos, a humanidade se una na universalidade.

A missão da Igreja é ser fermento deste sonho: a fraternidade universal. Missão da Igreja no mundo é como açúcar no café: não se vê, mas se sente o gosto.

11. Frentes missionárias na *Gaudium et Spes*

A esmagadora maioria dos bispos (padres conciliares) chegou ao Concílio, no início, com uma eclesiologia de configuração “piramidal”, ou seja, com uma imagem de Igreja, segundo a qual no topo se encontra o papa, abaixo vem os bispos, e os presbíteros, em seguida os religiosos e leigos. Consistiu o Concílio, antes de tudo, numa experiência de busca em comum de uma melhor compreensão da natureza e missão da Igreja, chamada a testemunhar a luz de Cristo entre homens e mulheres de hoje. O primeiro grande passo foi a declaração que a Igreja é “Povo de Deus” (LGII), é “Comunhão” (LG 23b). A finalidade da Igreja não é reproduzir



a si mesma, mas ser luz dos povos (*Lumen gentium*) e estar a serviço do Reino de Deus. A Igreja, enquanto germe e início do Reino de Deus aqui na terra, é ainda uma “obra inacabada“ (LG 50): a Igreja não é o Reino de Deus, mas sinal e instrumento dele. ”Todo aquele que, obedecendo a Cristo, procura em primeiro lugar o Reino de Deus, encontrará, em consequência, um amor mais forte e mais puro para ajudar todos os seus irmãos e realizar a obra da justiça inspirada pela caridade” (GS 72).

A Igreja não é para si, mas para servir, para promover o Reino de Deus, que é Justiça, Paz, Solidariedade, Política Justa e Economia igualitária.

12. Atualização da *Gaudium et Spes*

1 – Um dos indicadores da mudança cultural da era contemporânea é a nova cultura do pluralismo, como princípio interpretativo no qual se insere a alteridade, o diferente, virada de Era que questiona princípios antigos e gera opiniões diferentes. A GS põe a relação entre o pluralismo da realidade e as dinâmicas da missão, sobretudo na cidade. É preciso ouvir e dialogar com as tradições, filosofias, pensamentos diferentes. O pluralismo, já presente no tempo do Concílio e hoje mais acentuado, representa para a reflexão missiológica e para a missão da Igreja desafios e oportunidades, no sentido de atualizar o anúncio da Boa Nova. O desafio urgente da missão é saber dizer PAZ e construí-la dentro de situações concretas da sociedade. O caminho da paz se abre para a missão e a missão está a serviço da paz.

2 – Os mesmos padres conciliares, na conclusão do documento, recomendam atualizar as propostas, para cada realidade, povo e mentalidade (GS 91).

3 – Depois de 40 anos, as problemáticas essenciais da GS ainda são válidas, sobretudo o que diz respeito aos interrogativos mais profundos sobre o sentido da vida humana, a presença do pecado, o sofrimento, a vida futura. A resposta está ainda no Cristo: “chave, centro e fim de toda a história humana” (GS10). “Não pode existir progresso temporal perfeito, sem ser acompanhado de um progresso espiritual” (GS 4)

4 – Na vida econômica social, continua o grande escândalo denunciado pelo Concílio: nunca o mundo teve tanta comida e tantas pessoas famintas, tanto luxo e tantos excluídos da mesa (GS 4).



5 – A ética na política, recomendada pela GS, ainda está longe, como os últimos fatos nos revelam, de colocar o homem no centro das atenções públicas.

6 – A comunidade universal está realizando-se na economia, mas não na fraternidade. Ora, esta é a missão própria da Igreja.

7 – O ódio étnico religioso gera refugiados e migrantes, hoje cada vez mais.

8 – No dia 27 de outubro de 1986, em Assis, convidados pelo papa João Paulo II, todos os representantes das grandes religiões do mundo realizaram um “Dia mundial para a paz”. Como missionário, senti-me muito feliz de estar presente.

9 – A *Gaudium et Spes* se tornou a *Magna Charta* da humana dignidade, e muitos passos foram realizados em 40 anos: por exemplo, os direitos e a dignidade da mulher, o Fórum social de Porto Alegre, o Concílio mundial das igrejas.

10 – Ainda existem muitos problemas, mas a *Gaudium et Spes* nos ensina a enfrentá-los com o “realismo da esperança” (Sínodo de 1985). De fato, o principal protagonista da missão é o Espírito Santo, nós somos seus humildes colaboradores

13. Conseqüências pastorais da *Gaudium et Spes*

A – A Igreja de hoje é chamada a prestar ouvido às *alegrias e esperanças*, como também às *angústias dos* excluídos, excluídos do pão material e do pão eucarístico.

B – Uma paróquia dinâmica não espera que o povo venha para a Igreja, mas vai ao encontro do povo nas ruas, faculdades, lazer organizando missões populares, grupos bíblicos de reflexão. Em alguns ambientes da cidade, talvez se precise trocar o horário da secretária, para atender àqueles que não podem aparecer no horário comercial.

C – Otimismo pastoral na visão pascal, lembrando que “toda obra de Deus nasce e cresce ao pé da cruz” (São Daniel Comboni), e que o protagonista é o Espírito.

D – A missão é dinâmica, exige atenção aos sinais dos tempos, para descobrir as novas frentes missionárias aqui e no mundo globalizado.



E – Os 10% dos fiéis devem se tornar cada vez mais fermento dos 90% que estão buscando a Deus em nossa cidade e no mundo.

F – A missão universal revitaliza a Igreja particular. “A missão além fronteiras não é consequência, mas causa da maturidade de uma Igreja” (Igreja, comunhão e missão, 79).

Endereço do autor:
Missionários Combonianos
Rua da Solidariedade, 01
Bairro Itinga
89235-001 Joinville – SC
Email: pe.remo@ig.com.br